

## O Futuro

O barco andava, ou melhor, navegava devagar. Saíra de Catania muitas horas antes. Falava-se com este e aquele, o mar era calmo mas a calmaria enerva, o que é curioso! Porque se chama “calmaria” ao que mais terá enervado os navegadores, sobretudo no tempo da vela? É verdade que antes mar calmo que tempestade, mas a falta de mobilidade incomoda. Nessa altura surgiu o homem. Parecia um inglês, um italiano do norte, podia ser um finlandês, era um “indeterminado”. Quando procuramos saber de onde é alguém, viajando pelo planetazinho, cada vez é mais difícil saber isso; estamos nesse tempo. Falava relativamente bem inglês, entendia-se, mas tinha sotaque também ele indeterminado! Uma voz suave e forte, apresentou-se. Murteza Çelik, turco, capitão de navios. Falou, tinha necessidade de falar. A polícia italiana, disse, passava o tempo a incomodar, quando via o passaporte com um crescente. “Turkiye Cumhuriety”, algo que desperta suspeitas, acrescentou. “Tenho aqui um carimbo vosso”, disse Carlos, mostrando-lhe o seu passaporte. “Portékiz”? Foi assim que soou a voz de Çelik. Olhava-o agora como semi amigo, o homem. “Gostou da Turquia?” “Muito”, respondeu Carlos, embora fosse mentira. Murteza pescara em Gemlik, no Mar de Mármore, um mar lindíssimo, desde criança. Depois vivera em Izmir, relativamente perto de Lesbos. Só os gregos podem ter uma ilha com esse nome, acrescentou: Lesbos! Em honra das lésbicas? A Grécia, numa noite, (dizendo em inglês): “Greece, one night, finish!” Carlos falou-lhe de Safo, o porquê de Lesbos, mas ele pertencia a outra cultura. Em Izmir matámos os gregos todos, em 1922! Foi melhor assim, continuou Murteza. Aquele nome causava arrepios, em português faz lembrar algo como “morte”, “mortandade”. Depois de casar com Bunya, resolvera apostar nas terras com nome começado em “B”. Passara por Bursa, fora para a Bulgária, depois para a Roménia, mas escolhera Bacau, Brasov, Braila, Bucarest! Viajara para Itália, estivera em Bolonha, Bari, depois Brindisi. “Não achas bem”? Carlos não achava nada, achava que aquele homem pensava de uma

forma estranha. Casei em Malta, disse Murteza. Vamos chegar a Valletta não tarda nada. “Quantos habitantes tem a Turquia”, perguntou Carlos. “Não sei”. São 65 milhões, pensou Carlos. “Somos o vosso futuro”, respondeu Çelik, como se lhe lesse o pensamento. “A Europa é como Malta: não tem gente, não tem homens, nem tem língua! O maltês, essa horrenda mistura de árabe com italiano, faz-me lembrar a Europa: qualquer dia falariam todos assim, se não existisse a Turquia, para vos salvar! Sois uma pequena ilha, tal como Malta. «Repubblika ta’ Malta» está a ver, que raio é isto?” Até há uma Rabat em Malta, continuou, pensando em voz alta Murteza. E há outra em Gozo, outra Rabat! Ora isto parece Marrocos, não é? Parece-se com aquilo que vocês seriam, se nós não estivéssemos na Europa! Acordou a transpirar! Suores quentes e frios. Noventa e nove por cento de muçulmanos, um governo “religioso” chefiado por um tal Recep Tayyip Erdogan, uma média de idades de vinte e sete anos! Aquela conversa fora há vinte anos, pensou Carlos, já são setenta milhões, eles aí estão, para nos salvar, é a Comissão Europeia que diz que Murteza é o Futuro!

**Carlos Mota**